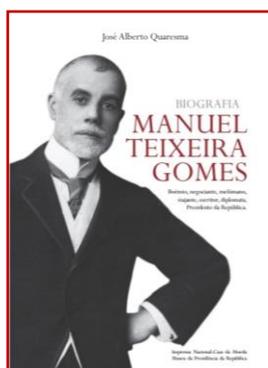


## Resenha de Biografia: Manuel Teixeira Gomes, de José Alberto Quaresma (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu da Presidência da República, 2016)

Francisco Topa<sup>1</sup>



QUARESMA, José Alberto. *Biografia: Manuel Teixeira Gomes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Museu da Presidência da República, 2016.

Recentemente, a propósito do falecimento de outro antigo Presidente da República, Mário Soares, interrogava-se o colunista João Miguel Tavares<sup>2</sup> sobre a suposta falta de adesão popular àquilo que teria sido programado para ser uma grande manifestação de pesar por um herói do Portugal contemporâneo. Parte da explicação estaria, segundo o autor, na

*incapacidade da nossa democracia em produzir os seus próprios heróis. Talvez como reacção ao excesso de ganga nacionalista do Estado Novo, e ao facto de a guerra colonial ter sido assimilada como desonra (e com boas razões para isso), nós olhamos para o século XX português e não encontramos vestígio de heróis políticos ou militares. Em parte, porque eles não existem. Em parte – Salgueiro Maia será o caso mais evidente – porque não fomos capazes de os construir e promover.*

Embora algumas destas afirmações sejam discutíveis, temos de reconhecer a dificuldade nacional para gerar heróis duradouros, sistematicamente sacrificados a ídolos que, na melhor das hipóteses, duram o tempo certo para assegurar a trasladação dos seus restos mortais para o Panteão.

<sup>1</sup> Doutor em Literatura. Professor Associado do Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). CITCEM (Centro de Estudos Transdisciplinares Cultura, Espaço e Memória). E-mail: [franctopa@gmail.com](mailto:franctopa@gmail.com)

<sup>2</sup> Por que foi tão pouca gente ao funeral de Soares? *Público*. 12/01/2017.

Manuel Teixeira Gomes não reuniu por certo os ingredientes necessários para ser alcandorado a uma dessas posições, tanto mais que lhe coube viver e destacar-se num período da nossa história sistematicamente desprezada: a I República. O articulista que há pouco citei fazia-se aliás eco dessa visão, que o Estado Novo não perdeu a oportunidade de promover: «A Primeira República foi um caos.», escreveu João Miguel Tavares. *E pur...* Teixeira Gomes é uma figura de enorme riqueza no panorama histórico, político e literário do nosso país, com um potencial (como agora se diz) que o recente filme de Paulo Filipe Monteiro só levemente sugeriu. Bem melhor do que *Zeus* é esta magnífica biografia de José Alberto Quaresma, que confirma o dinamismo da atual estratégia editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, neste caso através de uma pareceria com o Museu da Presidência da República.

Ao contrário do que acontece nos países anglo-saxónicos, a biografia não é um género que tenha uma tradição particularmente forte no nosso país. Há, contudo, sinais recentes que parecem indicar uma mudança, em parte asfixiada pela avalanche de produtos mais ou menos industrializados sobre aqueles que Sérgio Godinho designou como “famosos por serem famosos”. O trabalho de José Alberto Quaresma sobre Teixeira Gomes cumpre com distinção as regras do género: reconstitui com rigor, minúcia e elegância a vida de um homem público, situando-o no seu tempo e no seu espaço, neste caso ambos longos: o tempo estende-se de 1860 a 1941 e o espaço vai de Portimão e Lisboa a Londres e à Argélia, passando por muitas outras cidades. O interessante nesta obra está, evidentemente, na figura: um improvável Presidente da República que se demite sem drama (por assim dizer) e que se remete a um exílio perpétuo numa cidade do norte de África. Por outro lado, um improvável ministro plenipotenciário em Londres, que aí cumpre as difíceis missões de obter o reconhecimento da República e a entrada de Portugal na I Guerra Mundial. Por outro lado ainda, um diligente comerciante de produtos agrícolas que consegue manter-se esteta e construir uma carreira literária que tanto perturbou os meios conservadores como se manteve à margem dos movimentos vanguardistas, acabando por obter uma discreta perenidade. Além disso, um homem que recusa o casamento mas tem uma relação marital marcada pela ausência e pelo descaso, que afeta também as duas filhas daí resultantes. No fundo, um homem rico de contradições, constituindo a maior delas

ser um produto do século XIX que foi forçado a viver num mundo que já não era bem o seu.

Mas o interesse da obra não está apenas na figura de Manuel Teixeira Gomes; está também – e até sobretudo – no modo como José Alberto Quaresma a desenha e no-la dá a ver, em grande medida através dos próprios olhos do biografado ou daqueles que lhe são próximos. De facto, talvez o maior interesse do volume resulte do facto de o autor, sendo embora (como bem se percebe) historiador, ter sabido resistir à tentação de nos brindar com um ensaio histórico sobre a época e o homem, preferindo o movimento contrário: aquele que, partindo de Teixeira Gomes, permite que cada leitor vá construindo a sua visão sobre um contexto e uma figura marcados pela complexidade. Domina assim o pormenor e o pequeno facto, que nunca é excessivo nem fastidioso: a ementa de um jantar, o número de um quarto de hotel, o montante de uma fatura, o quadro por que se ficou deslumbrado num determinado museu e que justifica nova visita no dia seguinte. Outro elemento de grande interesse diz respeito aos trechos de cartas, de e para Teixeira Gomes: não só a correspondência com as grandes figuras das letras e da política da época, mas também a correspondência quotidiana com a família, o que nos permite contactar com a ingenuidade infantil de uma filha ainda a aprender as primeiras letras ou acompanhar o processo de resignação e definhamento de Belmira, a companheira de poucas letras e de escassos recursos que vai ficando para trás. A par disto, José Alberto Quaresma oferece-nos um vasto acervo de fotos e ilustrações e dá-nos a ler numerosos excertos, sempre pertinentes, da obra de Teixeira Gomes, que assim recupera alguma da visibilidade que perdeu nas últimas décadas. Veja-se este excerto de *Cartas a Columbano*, a propósito do fascínio pelo pintor romântico inglês William Turner:

A descoberta do Turner foi um dos assombros da minha vida. Durante semanas, dia e noite, (isso aconteceu na era vitoriana; os museus então abriam das dez às dez, e acendiam as luzes, mesmo de dia, para obviar aos caprichos do clima londrino) estudei a sua obra, e impregnado de tanta fantasia; encadeado no prisma opulento e fascinador da sua paleta; arrastado para o sonho da cor extreme e fluida das suas últimas composições; deslumbrado, e orgulhoso de me ter enriquecido em tal tesouro de sensações, sucedeu que me encontrei frente a frente com o seu auto-retrato, e as lágrimas

---

reventaram-me dos olhos. Lágrimas que nunca tentei explicar mas que marcaram na minha existência um perpétuo e fulgurante ponto de referência; nesse instante, ao contemplar a face augusta do “mago”, para o qual todos os milagres foram possíveis, julguei divisar-lhe a expressão de benévola camaradagem que o génio dispensa aos espíritos compreensivos. (p. 268)

Dividido em sete partes, o volume não se limita a reconstituir as diversas fases da vida de Manuel Teixeira Gomes, dedicando também um capítulo à sua obra literária – que mereceu o apreço de grandes escritores e grandes ensaístas – e ao repatriamento dos seus restos mortais, em 1950, numa cerimónia que constituiu uma importante jornada da oposição ao regime de Salazar. O livro encerra com uma útil cronologia, com uma genealogia e com uma imensa lista de fontes e bibliografia, que nos dá a exata medida do trabalho hercúleo de José Alberto Quaresma.

Termino como comecei. Escreveu João Miguel Tavares, na coluna já referida, que «Há um meio termo entre a propaganda patriótica à António Ferro e o nada – mas nós ainda não o encontramos.». Não é verdade: o meio termo está nesta belíssima biografia de uma figura maior da nossa história e da nossa literatura, com quem podemos agora voltar a conversar.

---

*Submetido em março de 2017*  
*Aprovado em abril de 2017*